

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O projeto moralizador das famílias mineiras na Vila Operária Próspera – Criciúma

Ismael Gonçalves Alves*

Resumo: Este artigo tem como intuito mostrar como se deu a participação das Pequenas Irmãs da Divina Providência dentro de um processo de moralização aos quais foram submetidas às famílias mineiras da Vila Operária Próspera, em Criciúma. A ação destas Irmãs consistia na reeducação e na reestruturação familiar utilizando como “peça mestra” deste processo as mulheres e as crianças.

Palavras-chave: Moralização – Família – Infância.

Abstract: This article has as intention to show as if it inside gave the participation of the Small Sisters of the Divine Providence of a moralization process which had been submitted the mining families of the Prosperous Laboring Village, in Criciúma. The action of these Sisters consisted of the re-education and the familiar reorganization using as “part masters” of this process the woman and the children.

Keywords: moralization – Family – Infancy.

A Vila Operária Próspera, situada na cidade de Criciúma (SC), teve o seu desenvolvimento ligado às atividades industriais da Sociedade Carbonífera Próspera S.A. Segundo Mario Belolli¹, esta companhia foi sucessora da CIA Carbonífera Colônia Ltda fundada em 1917, pertencente a um grupo de empresários e gerenciada por Jorge da Cunha Carneiro. Pouco depois de sua fundação, com a entrada dos empresários cricumenses, Marcos Rovaris, Pedro Benedet, Frederico Minato, Pacífico Nunes de Souza e Francisco Meller, ocorreu a mudança de nome passando a chamar-se Sociedade Carbonífera Próspera Ltda.

Em 1938 Julio Gaidzinski e Jorge da Cunha Carneiro assumem o controle acionário da carbonífera, Marli de Oliveira Costa destaca que “foi nesse período que se consolidou a construção das primeiras vilas operárias pela empresa, que deu origem à Vila Operária Próspera” (COSTA, 1999:42). O início da extração do carvão mineral pela Carbonífera Próspera desencadeou um fenômeno comum a vários núcleos industriais, ou seja,

¹*Mestrando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Jornal da Manhã, Criciúma, 28/01/1998, Coluna JM Memória. Acervo do grupo de pesquisa Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina. CEDOC.

a vinda de pessoas das regiões vizinhas em busca de emprego. Os núcleos urbanos industriais representavam o que apregoava o capitalismo, a possibilidade de ascensão social e a melhor qualidade de vida. Desta forma, “a partir da ‘notícia’ que havia trabalho fixo, as pessoas foram pouco a pouco atraídas e vieram, de diferentes lugares trabalhar na mineração”(COSTA et all, 2004:102). Para abrigar a mão-de-obra atraída pelo emprego, a Sociedade Carbonífera Próspera serviu-se de um instrumento utilizado nas grandes cidades européias e brasileiras, a vila operária. Segundo Marli de Oliveira Costa, “as casas da Vila Operária Próspera começaram a serem erguidas em 1930 na gestão dos diretores Julio Gaidizinski e Jorge da Cunha Carneiro” (COSTA, 1999:53). As casas da Vila Próspera eram muito pequenas, na época os empresários do carvão concebiam a moradia operária como um teto para que os mineiros tivessem onde se abrigar contra as adversidades do ambiente e do clima, sem a preocupação com as condições básicas de higiene e de conforto apontadas pela a literatura médico sanitaria. As casas eram de madeira dispostas uma ao lado da outra.

As pessoas que vinham de outras localidades do sul do estado de Santa Catarina em busca de trabalho na Sociedade Carbonífera Próspera, alojavam-se aos parentes até que conseguissem uma casa para sua família. Esta espera variava, pois dependia da disponibilidade da empresa, como lembra Dona Josina “tinha muita gente precisando de casa naquele tempo, morando duas, três famílias em uma casinha só”.²

As casas cedidas pela empresa, possuíam dois ou três cômodos e uma “patente” que ficava do lado de fora da casa; o esgoto corria a céu aberto como recorda Dona Luzia: “o esgoto corria, se você lavava roupas, louça, o esgoto corria; a água corria pela estrada; havia aquele banhado ao lado de casa, porque você lavava a louça e a água corria daquele “girau”, bacia, lavava a louça e virava a água ali mesmo”.³

Assim como em outras partes do Brasil, os operários mineiros habitavam as chamadas periferias nestes a massa de trabalhadores tornavam-se suscetíveis o todo o tipo de privações e doenças infecto-contagiosas, como demonstra o médico-sanitarista Boa Nova Junior⁴ sobre os surtos de Tifo ocorridos em Criciúma:

Doença endêmica das mais temíveis na época [...] pelo grande número de óbitos que causava [...], a febre tifóide é conhecida na região carbonífera sul-catarinense desde longa data.

Durante, as quatro estações do ano ocorriam casos de tifo em Criciúma, mas o recrudescimento da endemia coincidia quase sempre com a entrada do verão, ou seja, a época em que as chuvas, mais freqüentes, determinavam, ao se escoarem

² Entrevista Realizada com Josina Maria da Conceição, por Marli de Oliveira Costa. CEDOC - Criciúma.

³ Entrevista Realizada com Luzia da Silva, por Marli de Oliveira Costa. CEDOC – Criciúma.

⁴ Médico-sanitarista, que veio a criciúma a pedido da CEPCAM analisar a situação dos mineiros.

para os cursos d'água, a poluição destes, ao arrastarem para eles dejeções expostas de portadores de bacilos, e ainda pelo fato, comum à região, de se situarem poços d'água utilizada para alimentação nas proximidades de fossas de dejeções, de construção precária (JUNIOR, 1953:14).

Os surtos de doenças infecto-contagiosas eram uma constante em Criciúma. Para as elites do carvão as vilas operárias eram os principais focos disseminadores deste tipo de endemia. As vilas operárias, e neste caso específico a Próspera, deveriam ser então alvo de ações que viessem a moralizar as práticas de seus habitantes, para que estes se tornassem saudáveis e propensos ao trabalho.

Apesar de ser uma vila operária baseada nos moldes capitalistas da vigilância e disciplina, onde o empregado ficava sob a “guarda” do patrão, a Próspera ainda não se assemelhava às existentes em outras regiões do país, pois não oferecia certas “facilidades”, tais como, farmácias, armazéns, escolas, etc. Este processo a partir de meados 1930 começa a modificar-se. Em 1950, estas “facilidades” são oferecidas. Todavia ainda não encontrava-mos uma habitação saudável, que além de proporcionar ao trabalhador um local aconchegante para o repouso, é um espaço de intimidade formador de uma família nuclear e coesa, salva das adversidades existentes nas ruas como o alcoolismo, prostituição e a delinquência.

Os mecanismos disciplinares deveriam estar presentes em vários momentos da vida do operário, remodelando as condutas, a fim de erradicar práticas consideradas nocivas.

[...] uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. [...] ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que se operem como se quer, [...] (FOUCAULT, 1987:127).

Em 1953 a Sociedade Carbonífera Próspera S.A. foi comprada pela CSN (Companhia Siderúrgica Nacional). Nesse período foi criada a CEPCAN - (Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional) - que iniciou uma série de estudos para averiguar a situação da indústria carbonífera sul catarinense. Um dos objetivos da CEPCAN em Criciúma era analisar a situação social das famílias ligadas às atividades carboníferas.

O relatório⁵ produzido pelo médico sanitário Francisco de Paula Boa Nova Junior, nota-se o interesse não só pela saúde física do trabalhador, mas também pela a “saúde moral” dos mesmos. Vários aspectos da vida do trabalhador são chamados ali de “desregramentos” são estudados, como por exemplo, o carteado e as brigas de galos, que iam

⁵ JUNIOR. Francisco de Paula Boa Nova. Problemas Médicos sociais da indústria Carbonífera Sul Catarinense. DNPM – Boletim n. 95, 1953.

noite adentro regados com muita cachaça. Estas práticas tornaram-se motivo de preocupação, pois deixava o operário indisposto para o trabalho. Segundo Boa Nova Junior teria uma,

[...] ação sedativa e narcótica que exerce sobre o sistema nervoso central, mesmo que em quotas não excessivas, o álcool afeta a produtividade do operário e faz crescer a cifra de erros e acidentes, tanto mais, quanto mais delicada a tarefa do operário, prejudicando assim, quantitativa e qualitativamente o seu trabalho. [...] a produtividade do operário, se reduzem em média a 15 % à simples administração do álcool, mesmo em taxa reduzida. (FOUCAULT, 1987:65).

Francisco de Paula Boa Nova Junior cita outras práticas consideradas “degenerativas” como a prostituição, que proporcionavam “noitadas alegres em antros sórdidos povoados por infelizes mercadoras em precárias condições de saúde, subalimentadas e portadoras das mais variadas enfermidades” (JUNIOR, 1953:66). Em Criciúma estas noites alegres ocorriam na *maracangalha*⁶, como lembra Dona Lurdes Pizzetti:

[...] tinha homem que só recebia o pagamento era na maracangalha direto. No dia do pagamento não vinham nem em casa, tomavam banho lá, que a Cia tinha os banheiros, levavam as roupas e de lá iam. Só vinham na Segunda feira de manhã para trabalhar na mina, porque geralmente recebiam o pagamento era em uma Sexta, Sábado e Domingo era maracangalha direto⁷.

Estas práticas eram percebidas como um desperdício de tempo e dinheiro, uma vez que debilitava o trabalhador para o dia seguinte de trabalho este também deixava todo o salário conseguido as custas de muito suor e de uma saúde debilitada. Por isso, o médico Boa Nova Junior propõe:

O amplo combate ao jogo, sob qualquer forma, e à prostituição desregrada seriam medidas a serem no caso adotadas em defesa de uma geração de operários já bastante viciada e esgotada no pleno verdor de seus 25 ou 30 anos de existência, com remotas probabilidades de atingir pelo menos a uma longevidade de 40 anos, em consequência desses desregramentos e do abuso do álcool. (JUNIOR, 1953:66).

Outros problemas são levantados neste mesmo relatório tais, como a precariedade das casas. Estas eram consideradas superlotadas em muitas moravam em média 10 pessoas, o que proporcionava segundo o médico uma convivência promíscua entre os familiares. As moradias tinham pouca ventilação e iluminação insuficiente, sendo que o mineiro após sua jornada de trabalho não possuía meios de regozijar um sono absoluto, para uma próxima jornada de trabalho. Boa Nova Junior propõe

⁶ Assim chamada à Zona do Meretrício pelos habitantes da cidade.

⁷ Entrevista com Lurdes Daré Pizzetti Machado em 25/05/1998, por Marli de Oliveira Costa. CEDOC – Criciúma.

uma vistoria por parte das autoridades competentes nas chamadas “vilas operárias” da região de Criciúma, muitas delas merecendo ser completamente arrasadas(sic) para dar lugar a construção de verdadeiras <<Vilas Operárias>>, dotadas dos indispensáveis requisitos de asseio e conforto... (JUNIOR,1953:68).

Após estes estudos, a CSN iniciou uma campanha de moralização da Vila Operária Próspera, apoiado pela entidade filantrópica SESI (Serviço Social da Indústria). Essas ações foram levadas a cabo pela Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência, que na vila operária Próspera iriam trabalhar principalmente em torno das mulheres e crianças no intuito de reorganizar a vida cotidiana através do ensinamento de hábitos de limpeza, higiene, comportamento. De acordo com Foucault as instituições assistencialistas, sejam elas,

grupos religiosos [...]; associações de socorro e beneficência (desde as repartições de paróquia até as sociedades filantrópicas [...]) funcionam como órgão de vigilância que uma classe social privilegiada exerce sobre as outras, mais desprotegidas e, por isso mesmo, portadoras de perigo coletivo (FOUCAULT, 2002:194).

No caso da Vila Operária Próspera as atividades das Pequenas Irmãs da Divina Providência se concentrariam na redefinição dos “papéis” dentro da família. Esta ação se constituirá como “peça mestra” deste processo no Bairro.

Para que esse processo se tornasse uma realidade era preciso “a imposição do modelo imaginário de família criado pela sociedade burguesa” (RAGO, 1985:61), ou seja, a família nuclear, com “papéis” definidos, ou seja, o pai provedor, a mulher esposa-dona-de-casa-mãe-de-família e os filhos no centro das relações conjugais. Mas para tanto era necessário oferecer aos operários uma casa maior que instituiria o gosto pela intimidade doméstica. E na Vila Operária Próspera esse fato se daria a partir da década de 1950 onde aos poucos algumas casas de madeira foram sendo trocadas por casas de alvenaria ou por casas de madeira maiores com três quartos. Todavia segundo Marli de Oliveira Costa:

Apesar de passarem a morar em casas com mais cômodos, onde crianças poderiam dormir separadas dos pais, os meninos separados das meninas, e as pessoas pudessem passar um tempo maior dentro de casa os hábitos da vida na Vila não se modificaram.(COSTA, 1999:68).

Para a realização destas ações, como afirmou-se, foram chamadas as Freiras da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência. A Irmã Cláudia Freitas “a Congregação teve este convite para trabalhar aqui no sul, através do SESI. Queriam irmãs

para trabalhar com os operários do carvão”⁸. Nada melhor para justificar esta interferência, sem provocar reações contrárias por parte dos mineiros, que o sagrado manto de Cristo. As freiras apoiadas pelo SESI, passaram a residir na vila operária Próspera, em uma casa fornecida pela própria mineradora.

A incumbência das Pequenas Irmãs da Divina Providência na Vila Operária Próspera era educar e disciplinar as famílias mineiras segundo os preceitos de higiene. Os cursos oferecidos pelas Pequenas Irmãs da Divina Providência que eram voltados exclusivamente para as mulheres – Arte culinária, serviço prático de costura, enfermagem caseira – demonstrava a tentativa de fabricação de uma “nova” mulher e dona de casa.

O trabalho com as crianças consistia em transformá-las no centro da vida familiar. Para elas foram criadas um conjunto de atividades rotineiras para afastá-las das ruas, local onde estas aprendiam todo o tipo de comportamento considerados imorais. As crianças, ao que me parece, antes da vinda das Pequenas Irmãs da Divina viviam livremente pelas ruas da vila operária muitas vezes doentes, e mal alimentadas. Estas dedicavam horas e horas de seu dia as brincadeiras.

Através dessas ações é possível perceber que a atuação das freiras com as mulheres estava diretamente relacionada ao bem estar da criança, pois uma mãe ausente, constituiria uma ou mais crianças em risco. No curso de artes culinárias as Pequenas Irmãs da Divina Providência ensinavam as mulheres não desperdiçarem alimentos e a variar os quitutes na medida do orçamento familiar mineiro. Aos poucos novos hábitos são instituídos, como o “descongestionamento dos corpos”, onde o marido e a mulher deveriam ter um cômodo separado das crianças em sua casa⁹. Esta conduta evitava que estas participassem da intimidade do casal, pois esta questão deveria ficar distante da infância. Em suas visitas às casas dos trabalhadores as Irmãs sempre iam em dupla. A primeira entrava e conversava com o casal aconselhando-o, enquanto a segunda ficava do lado de fora e brincava com as crianças.

O modelo de mulher que se tentou construir na Vila Operária Próspera com a ajuda das Pequenas Irmãs da Divina Providência era de esposa-dona-de-casa-mãe-de-família uma mulher que então seria uma peça fundamental no plano de moralização das famílias mineiras. Mas nem todas as mulheres da vila operária reagiram da mesma forma. Muitas eram contrárias ao que as Irmãs procuravam instituir permanecendo fiéis as suas práticas, que sempre estiveram presentes em seu cotidiano.

⁸ Entrevista com Irmã Cláudia feita por Marli de Oliveira Costa. CEDOC – Criciúma.

⁹ Os moradores da Vila Operária Próspera, dormiam todos juntos devido às dimensões reduzidas de suas habitações.

Referências bibliográficas:

BERNARDO, Roseli; COSTA, Marli de Oliveira; OSTETTO, Lucy Cristina. **A casa e a Vila: A família operária e moradia na região carbonífera, 1913-1930**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

FILHO, Alcides Goulart. **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **Cotidiano de trabalhadores na República São Paulo – 1889/1940**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

COSTA, Marli de Oliveira. “**Artes de viver**”: recriando e reinventando espaços – memórias das famílias de vila operária mineira Próspera/Criciúma (1945-1961). Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 1999.

ENGELS, Friederich. **A Questão da Habitação**. Belo Horizonte: aldeia Global, 1979.

ENGELS, Friederich. **A situação da classe trabalhadora em Inglaterra**. Porto: Editorial Presença, 1975.

FILHO, Alcides Goulart. **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 17ª edição. São Paulo: editora Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. 5ª ed. Petrópolis: editora Vozes, 1987.

JUNIOR. Francisco de Paula Boa Nova. Problemas Médicos sociais da indústria Carbonífera Sul Catarinense. DNPM – Boletim n. 95, 1953.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lucia. **Recônditos do mundo feminino**. IN: SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RABELO, Giani. **A Longa Resistência: A luta contra a privatização da CSN em Santa Catarina**. In: FILHO, Alcides Goularti (Org.) **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré a o Lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Entrevistas:

Entrevista Realizada com Josina Maria da Conceição, por Marli de Oliveira Costa. CEDOC – Criciúma.

Entrevista Realizada com Luzia da Silva , por Marli de Oliveira Costa. CEDOC – Criciúma.

Entrevista com Lurdes Daré Pizzetti Machado em 25/05/1998, por Marli de Oliveira Costa. CEDOC – Criciúma.

Entrevista com Irmã Cláudia feita por Marli de Oliveira Costa. CEDOC – Criciúma.